

## A cultura do recreio escolar

Hugo Norberto Krug<sup>1</sup>

Rodrigo de Rosso Krug<sup>2</sup>

Marilia de Rosso Krug<sup>3</sup>

Cassiano Telles<sup>4</sup>

Patric Paludett Flores<sup>5</sup>

**Resumo:** O estudo objetivou compreender a cultura do recreio de alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF), de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil. Caracterizamos a pesquisa como qualitativa do tipo estudo de caso etnográfico. Os instrumentos utilizados foram a observação participante e o diário de campo. Participaram 2509 alunos dos AIEF de quinze escolas da referida rede e cidade. Os resultados mostraram que: 1) a cultura da ocupação do espaço físico e dos materiais disponíveis é caracterizada pela concentração em uma quadra esportiva e pela pouca diversidade e quantidade de materiais disponíveis; 2) a cultura de jogos, brinquedos e brincadeiras realizadas é caracterizada pela prática com maior frequência de dois tipos de jogos (futebol e pegador), possuindo um conjunto limitado em relação à sua diversidade; 3) a cultura da agressividade dos alunos é caracterizada por não ocorrer muita agressividade, mas que apareceram algumas formas de pequenas agressões, sendo a ocorrência das agressões físicas em maior quantidade que as verbais, prevalecendo os alunos mais velhos e do sexo masculino os que possuem mais atitudes agressoras; 4) a cultura das relações de gênero dos alunos é caracterizada por na maior parte do tempo do recreio os meninos e as meninas não brincarem juntos; e, 5) a cultura de exclusão ou inclusão dos alunos deficientes é caracterizada pelo aparente bom acolhimento pelos seus colegas ditos normais e pela participação da maioria destes nos jogos, brincadeiras e brinquedos.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental; Recreio Escolar; Cultura.

## The culture of school break time

**Abstract:** The study aimed to understand the school break time of Elementary Education Early Years (EEEEY), from schools of the municipal education network, of the a city in the southern region of Brazil. We characterize the research as qualitative of the case study ethnographic type. The instruments used were the participant observation and the field diary. Participated 2509 EEEY students from fifteen schools of referer network and city. The results show that: 1) the culture of the occupation of the physical space and of the available materials is characterized by

---

1 Doutor em Educação (UNICAMP/UFSM); Doutor em Ciência do Movimento Humano (UFSM); Professor Aposentado do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Pós-Graduação em Educação Física (Mestrado) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2 Doutor em Ciências Médicas (UFSC); Professor do Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde (Mestrado) da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

3 Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFSM); Professora dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ).

4 Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Professor da Faculdade de Horizontina (FAHOR).

5 Doutorando em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Professor do Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR).

the concentration in a sports court and by the little diversity and quantity of available materials; 2) the culture of games, toys and jokes played is characterized by the practice with more frequency of two types of games (soccer and catcher), having a limited set in relation to their diversity; 3) the culture of the students' aggressiveness is characterized by not occurring much aggressiveness, but that some forms of small aggressions appeared, being the occurrence of physical aggressions in more quantity than the verbal, prevailing the older and the masculine sex the that having more aggressive attitudes; 4) the culture of the gender relations of the students is characterized by in the most part during school break time the boys and girls do not play together; and, 5) the culture of exclusion or inclusion of disabled students is characterized by the apparent good reception by their "normal" colleagues and by the participation of the majority of these in games, jokes and toys.

**Keywords:** Elementary Education; School break time; Culture.

### As considerações iniciais

De acordo com Silva (2001), a inserção no contexto escolar está entre as diferentes experiências vivenciadas pelas crianças, no período da infância.

No contexto escolar, segundo Ramalho (1996), o recreio é um espaço de tempo que abrange o relacionamento entre as crianças, partilhando situações em comum, a partir de um conhecimento semelhante que resulta numa avaliação conjunta de situações que foram vivenciadas, realizando atividades que envolvem experiências anteriores, expectativas em relação a novas experiências e às outras crianças.

Dessa forma, conforme Vieira (2003), estudar o recreio escolar é um desafio a ser enfrentado, em decorrência da dificuldade de se encontrar literatura sobre esse tema.

Assim, consideramos importante desenvolvermos um estudo sobre o recreio escolar, mas alertarmos que não pretendemos discutir como deve ser o recreio escolar, mas, sim, irmos, no sentido, de tratar a cultura escolar, referente ao recreio enquanto um espaço de tempo e lugar na escola pública municipal.

Nesse direcionamento de pretensão, mencionamos Forquin (1993) que afirma que, é incontestável que exista uma relação entre a educação e a cultura, tanto quando se contempla a educação como formação e socialização do indivíduo, nas diversas instâncias sociais, quanto no momento em que essa fica restrita ao domínio escolar. Ressalta que, a educação se apropria de alguns elementos da cultura para formar a sua própria cultura.

Para Pérez Gómez (2001), a escola, como qualquer outra instituição, desenvolve e reproduz sua própria cultura específica, ou seja, um conjunto de significados e comportamentos que a escola gera como instituição social. Compõem esse conjunto as tradições, os costumes, as rotinas e as inércias que a escola estimula e se esforça em conservar e reproduzir. Explica que os docentes e os estudantes, mesmo vivendo contradições, acabam reproduzindo as rotinas que geram a cultura da escola, e é necessário entender a escola como um cruzamento de culturas, que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados. Assim, de acordo com Forquin (1993), a cultura escolar, de alguma maneira, proporciona que todos passem a se nortear por certas regras.

Nessa direção de pensamento, Rangel *et al.* (2005) entendem como cultura escolar, aspectos institucionalizados, determinadas práticas de condutas, hábitos e rituais diários, a prática do cotidiano do saber escolar, a materialidade física, modos de pensar e agir, enfim, só para citar alguns exemplos de determinações culturais no interior da escola. Já Souza Júnior (2003) coloca que a cultura escolar poderia ser estudada sob diferentes aspectos: a cultura do recreio escolar, a cultura da aula de Matemática, a cultura do sinal batido entre as aulas, a cultura das aulas vagas, a cultura da chegada e saída da escola, etc.

A partir, então, dessas colocações de Souza Júnior (2003), nos direcionamos para a cultura do recreio

escolar, onde os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) são os protagonistas.

Assim, baseando-nos nessas premissas anteriormente relatadas, elaboramos a seguinte questão problemática norteadora da investigação: qual é a cultura do recreio de alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil? Consequentemente, o objetivo geral foi compreender a cultura do recreio de alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil.

Para atingirmos mais facilmente o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: 1) identificar a cultura da ocupação do espaço físico e dos materiais disponíveis para os alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, durante o recreio escolar; 2) identificar a cultura dos jogos, brinquedos e brincadeiras realizadas pelos alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, durante o recreio escolar; 3) identificar a cultura da agressividade dos alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, durante o recreio escolar; 4) identificar a cultura das relações de gênero dos alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, durante o recreio escolar; e, 5) identificar a cultura de exclusão ou inclusão dos alunos deficientes dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, durante o recreio escolar.

Justificamos a importância da realização desta investigação devido a sua contribuição na compreensão da realidade do recreio escolar, no cotidiano de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil.

## Os procedimentos metodológicos

Caracterizamos os procedimentos metodológicos nesta investigação como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso etnográfico.

Segundo Chizzotti (1991), a pesquisa qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade.

De acordo com André (1999), a etnografia é um método de investigação desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade e que etimologicamente significa descrição cultural. Ainda para a mesma autora, na educação o que se tem feito é uma adaptação da etnografia à educação, e assim sendo, os educadores fazem investigações do tipo etnográfico, e não, etnografia em seu sentido estrito.

Também, conforme André (1999), muito ligado à investigação do tipo etnográfico aparece outro tipo de investigação, o estudo de caso etnográfico, que pode ser usado nas seguintes situações: a) quando se está interessado numa instância em particular, isso é, numa determinada instituição, numa pessoa ou num específico programa ou currículo; b) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; c) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos resultados; d) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno; e, e) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural. Assim, utilizamos como abordagem de pesquisa o estudo de caso etnográfico.

O caso estudado foi o contexto de quinze escolas da rede pública de ensino municipal, de uma cidade da região sul do Brasil, onde se desenvolveu a investigação. A escolha desse contexto levou em consideração

a facilidade para a inserção dos pesquisadores, porquanto um deles já atuava nas referidas escolas, há vários anos, como colaborador e responsável pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física, de uma universidade pública da mesma cidade. Essa situação, está de acordo com Molina (1999), que afirma que ao decidirmos qual o local da investigação do caso, devemos considerar os aspectos práticos, como o contato com pessoas que facilitem o nosso acesso ao meio (contexto).

Os participantes foram 2509 'alunos' (de quinze escolas diferentes, sendo 300 da 'Escola 1', 360 da 'Escola 2', 170 da 'Escola 3', 225 da 'Escola 4', 158 da 'Escola 5', 132 da 'Escola 6', 88 da 'Escola 7', 172 da 'Escola 8', 121 da 'Escola 9', 132 da 'Escola 10', 95 da 'Escola 11', 231 da 'Escola 12', 163 da 'Escola 13', 115 da 'Escola 14' e 97 da 'Escola 15'), de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade do interior do Estado do RS (Brasil). Esclarecemos que as escolas foram o meio ambiente onde aconteceram o contexto determinado, que foi o recreio escolar, em que ocorreu o fenômeno a ser estudado, isto é, a cultura do recreio dos alunos dos AIEF. Convém lembrarmos que ao considerarmos os aspectos éticos vinculados às pesquisas científicas, as identidades das escolas foram preservadas.

A partir do consentimento dos diretores escolares para o desenvolvimento da investigação, realizamos a inserção dos pesquisadores nas escolas. Esse fato possui respaldo em Feil (1995b) que coloca que a inserção, isto é, um contato inicial do pesquisador com a situação e às pessoas selecionadas, é o que caracteriza a investigação do tipo etnográfica.

Conseqüentemente, a partir desta inserção no contexto escolar, procedemos uma observação participante de vários recreios em cada uma das escolas. Segundo Wittrock (1989), a observação participante é uma técnica na qual o investigador se introduz no mundo social dos sujeitos estudados, observa, e trata de averiguar o que significa ser membro desse mundo. Já Becker (1997) destaca que o observador participante coleta informações através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda. Ele observa às pessoas para ver às situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes dessa situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.

Nesse sentido, os pesquisadores passaram o maior tempo possível nos recreios escolares, observando e fazendo registros para poder desvelar a cultura do recreio dos alunos dos AIEF. André (1978) ressalta que o(s) pesquisador(es) vai(ão) acumulando descrições de fatos que lhe permite(m) estruturar o quadro configurativo do objeto de estudo.

A análise da prática docente foi organizada a partir dos objetivos específicos. O tempo de duração desta investigação foi de um semestre letivo. Segundo Feil (1995a), existem vários instrumentos adequados para acompanhar um processo etnográfico: questionários, entrevistas, análise de documentos e observações. Nessa investigação, foram utilizadas somente observações. Todas as informações recolhidas foram registradas em um diário de campo, como as referentes aos alunos dos AIEF, durante o recreio escolar. Assim, o diário de campo serviu de instrumento de consulta na elaboração do relatório final desta investigação.

De acordo com Feil (1995b), o diário de campo é o instrumento em que o(s) pesquisador(es) registra(m), descreve(m) e ordena(m) informações, toma(m) decisões e produz(em) conhecimentos ou, em outras palavras, é nele ou através dele que o(s) pesquisador(es) resgata(m) e constrói(em) a história do grupo ou pessoa, tira(m) implicações teóricas e define(m) alternativas de intervenção. Dessa forma, o registro adquire importância na medida em que se integra ao conjunto de relações que processam a elaboração do conhecimento e contribui para a integração entre a parte (o fenômeno estudado) e o todo (a teorização). Assim, o diário de campo é a memória da investigação, por isso ele precisa ser feito em processo, já que, na etnografia, a reflexão das informações é feita durante o mesmo. Porém, a análise de

uma informação é que gera o procedimento de coleta posterior. No diário, são feitos registros simultâneos ao trabalho de campo, quando se descreve tudo aquilo que é significativo para a investigação.

As informações foram analisadas a partir do material colhido da situação real que interessava à investigação, considerando-se os significados dessa realidade para as pessoas que pertencem a ela. Então, foi importante fazer uma leitura atenta a tudo o que se passou no cotidiano dos recreios das escolas estudadas.

Segundo André (1999), o(s) pesquisador(es) usa(m) uma grande quantidade de informações descritivas, tais como, situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. No processo etnográfico, a atividade de análise ocorre paralelamente à de observação. Então, ao invés de relegar às análises à períodos posteriores ao recolhimento das informações, os etnógrafos, analisam a informação de que dispõem, durante todo o processo, sendo, inclusive, à análise de um fato, determinante do uso ou opção de técnicas posteriores.

A partir da análise e interpretação das informações coletadas, foi feita a construção teórica (teorização), pois, conforme Feil (1995b), a técnica comumente usada pelos etnógrafos para possibilitar à análise das informações coletadas é a teorização que é definida, sinteticamente, como sendo o processo cognitivo de descobrir ou manipular categorias abstratas e as relações entre elas. Ainda sob o ponto de vista de Feil (1995b), a consolidação teórica não representa apenas um conceito construído, mas, acima de tudo, um vislumbrar de alternativas, gerando novas ações e novas pesquisas.

## Os resultados e as discussões

Na apresentação e discussões dos resultados desta investigação concordamos com Krug *et al.* (2016a, p. 66) que apontam que esta representa “a parte ‘viva’ da investigação” e que a dinâmica da mesma deve consistir em “perceber, registrar, ordenar, comparar, interpretar, relacionar e especular” sobre a temática em estudo (grifo do autor). Nesse sentido, mencionamos Cunha (2006) que apresenta a cultura escolar como um conjunto de normativas que rege a gestão da escola, articulando os conhecimentos e as práticas do trabalho docente que são produzidas na escola com os espaços acadêmicos. Aqui se encaixa o recreio na escola, porquanto ele é uma parcela da cultura escolar.

Consideramos importante destacar que a investigação foi organizada a partir de cinco dimensões, referentes aos objetivos específicos: 1) a ocupação do espaço físico e uso dos materiais disponíveis; 2) os jogos, brinquedos e brincadeiras realizados; 3) a agressividade dos alunos; 4) as relações de gênero dos alunos; e, 5) a exclusão ou inclusão dos alunos deficientes. Assim, no estudo de cada uma dessas dimensões foi identificada à cultura dos investigados.

## Sobre a cultura da ocupação do espaço físico e dos materiais disponíveis para os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o recreio escolar

Quanto à ‘ocupação do espaço físico disponível para o recreio escolar’, notamos que os alunos dos AIEF das escolas estudadas se concentraram em uma ‘quadra esportiva’ (nas quinze das quinze escolas estudadas). Esse fato está em concordância com Cavichioli *et al.* (2006c) que, em estudo realizado em três escolas públicas da cidade de Santa Maria (RS), constataram que, embora as mesmas apresentassem espaços físicos amplos para a realização do recreio, estes se concentraram em uma quadra esportiva e suas adjacências (pátio ou corredor). Outros estudos mais antigos já destacavam que os espaços físicos nas escolas eram inadequados para as crianças brincarem na hora do recreio (MOREIRA; FARIA, 1999; SIMON; RAMALHO, 2002).

Entretanto, consideramos que essa cultura de utilização de um espaço limitado destinado ao recreio nas escolas estudadas possui diversos elementos influenciadores, tais como, o planejamento da construção das escolas, onde é privilegiada a área construída e não a área livre, o aumento populacional que limita os espaços públicos nas cidades, e a falta de planejamento do local de realização do recreio pela direção escolar.

Nesse direcionamento de afirmativas, citamos, a seguir, alguns autores que abordaram estas questões. Silva (2001) já destacava, no início deste século, que o planejamento das escolas privilegiava a área construída e não a área livre destinada à realização de atividades lúdicas, o que diminuía as possibilidades dos alunos de se movimentarem. Já Kunz (1991) chamava à atenção que o intenso processo de urbanização e industrialização da sociedade capitalista, o aumento populacional, tornaram-se fatores limitantes na criação de espaços públicos destinados às escolas públicas e conseqüentemente escolas com espaços destinados ao movimento dos alunos. Conforme Cavichioli *et al.* (2006c), cabe à escola, representada pela equipe diretiva, realizar a escolha do espaço escolar destinado para a realização do recreio dos alunos. Destacam que essa escolha está diretamente associada ao espaço físico pelo qual a escola possui em suas dependências e, deve ser planejado.

Relativamente aos ‘materiais disponíveis para o uso dos alunos no recreio escolar’, verificamos que a ‘diversidade e a quantidade’ foi ‘pouca’, resumindo-se as ‘bolas’ (uma ou duas) e as ‘cordas’ para pular (não mais do que três ou quatro), isto nas quinze das quinze escolas estudadas. Esse fato em consonância com o dito por Vieira (2003) de que as escolas não se preocupam com materiais disponíveis para os alunos brincarem durante o recreio. Já Duek e Peres (2003) ressaltam que a falta de materiais influenciam na decisão dos alunos ‘do que’, ‘com o que’ e ‘como brincar’. Consideramos pertinente destacar que o constatado pode ser corroborado por diversos estudos sobre o recreio escolar (BERNARDI *et al.*, 2005; CAVICHIOLI *et al.*, 2006c; ILHA *et al.*, 2006b; ILHA *et al.*, 2006d; IVO *et al.*, 2006; SANTOS *et al.*, 2006).

Nesse sentido, podemos inferir que a ‘cultura da ocupação do espaço físico e dos materiais disponíveis para os alunos dos AIEF, durante o recreio escolar’ das escolas estudadas, é caracterizada pela ‘concentração em uma quadra esportiva’ e a ‘cultura dos materiais disponíveis para o uso dos alunos no recreio escolar’ nas escolas estudadas, é caracterizada pela ‘pouca diversidade e quantidade’.

### **Sobre a cultura dos jogos, brinquedos e brincadeiras realizados pelos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o recreio escolar**

A respeito da ‘cultura dos jogos, brinquedos e brincadeiras realizados pelos alunos, durante o recreio escolar’, observamos que os ‘mais realizados’ são de dois tipos, isto é, o ‘jogo de futebol’ e o ‘pegador’ (ocorreram em treze das quinze escolas estudadas) e com ‘menor frequência’ sobressai-se o ‘pular corda’ (nove das quinze escolas). A seguir, aparecem outros jogos, brinquedos e brincadeiras (nove diferentes tipos) com pouquíssima frequência (variando de quatro a duas escolas estudadas). A partir dessa constatação citamos Freire e Costa (1986) que dizem que a repetição constante de brincadeiras é o reflexo de pouca criatividade presente na escola hoje, e, nesse direcionamento de afirmativa, destacamos Comassi e Krebs (2000) que afirmam que, as crianças, de dias mais recentes, pouco exercitam sua criatividade, na elaboração de brincadeiras. Já Ilha *et al.* (2006d, p. 3) ressaltam que, “a cultura lúdica da criança está se tornando limitada”. Ainda, podemos constatar que, o recreio das escolas estudadas constituiu um ‘conjunto limitado em relação à diversidade de jogos, brinquedos e brincadeiras’ praticado pelos alunos durante o recreio (somente doze tipos diferentes). Também constatamos que o ‘desaparecimento de certos jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura popular’ do recreio de antigamente, tais como, ovo choco, passa anel,

mamãe quantos passo posso dar, cinco marias, entre outros. Esses fatos também foram constatados em diversos estudos sobre o recreio escolar (ILHA *et al.*, 2006d).

Nesse sentido, podemos inferir que, a ‘cultura de jogos, brinquedos e brincadeiras realizados pelos alunos dos AIEF, durante o recreio escolar’ das escolas estudadas, é caracterizada ‘pela realização com maior frequência de dois tipos de jogos, os quais são o futebol e o pegador, possuindo um conjunto limitado em relação à diversidade de jogos, brinquedos e brincadeiras praticadas, mostrando um desaparecimento de certos jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura popular’.

### **Sobre a cultura da agressividade dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o recreio escolar**

Em relação à ‘cultura da agressividade dos alunos, durante o recreio escolar’, verificamos que ‘praticamente não ocorreu muita agressividade’ entre os mesmos (nas quinze das quinze escolas estudadas). Entretanto, ressaltamos que ‘surgiram algumas formas de pequenas agressões’ entre os alunos (nas quinze das quinze escolas estudadas), originadas pelas ações (jogos ou brincadeiras) dos alunos durante o recreio escolar. A partir dessa constatação mencionamos Mandarino (2000) que coloca que vários estudos apontam o recreio como sendo o momento escolar com maior índice de atitudes violentas e anti-sociais.

Dentre as agressividades verificadas ocorreram ‘as agressões físicas entre os alunos em maior quantidade que as agressões verbais’, sendo que as ‘principais formas de agressões físicas foram o empurrão, o tapa e o chute’ e as ‘principais formas de agressões verbais foram o xingamento e a intimidação’ (nas quinze das quinze escolas estudadas). Esse fato está em consonância com o colocado por Jaeger *et al.* (1997) de que entre alunos de 1ª à 4ª Séries (Anos) do Ensino Fundamental o tipo de agressão mais frequente foi à forma física dos tipos bater e chutar e na forma verbal os mais frequentes foram o chamar de nomes feios e falar mal da pessoa.

Vale ainda ressaltar que ‘os alunos que mais agredem predominantemente são os mais velhos e do sexo masculino’ (nas quinze das quinze escolas estudadas). Esse fato está em consonância com o estudo de Cavichioli *et al.* (2006c) que destacam que os alunos mais velhos e do sexo masculino usam cada vez mais atitudes agressivas.

Nesse sentido, podemos inferir que a ‘cultura da agressividade dos alunos dos AIEF, durante o recreio escolar’ das escolas estudadas, é caracterizada por ‘não ocorrer muita agressividade, mas que apareceram algumas formas de pequenas agressões, sendo a ocorrência das agressões físicas (empurrão, tapa e chute) em maior quantidade que as agressões verbais (xingamento e intimidação), prevalecendo os alunos mais velhos e do sexo masculino os que possuem mais atitudes agressoras’.

### **Sobre a cultura das relações de gênero dos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o recreio escolar**

No direcionamento da ‘cultura das relações de gênero dos alunos, durante o recreio escolar’ constatamos que ‘na maior parte do tempo do recreio os meninos e as meninas não brincam juntos’ (onze das quinze escolas estudadas). Esse fato está de acordo com Volpato e Shigunov (1999), que destacam que, as crianças brincam com o sexo oposto em diferentes situações e oportunidades, mas de forma geral, brincam em sexos separados. Nesse direcionamento de constatação, podemos citar o estudo de Ilha *et al.* (2006d) que corrobora que, nesta faixa etária que abrange os AIEF os meninos e as meninas, na maior parte do tempo do recreio escolar não brincam juntos. Entretanto, o interessante sobre essa situação é que os

PCN's (BRASIL, 1997) de forma geral, e, principalmente, na Educação Física, orienta para uma educação escolar mista, isto na tentativa de colaborar para a construção de uma pedagogia e de uma escola que não produza e/ou reproduza as desigualdades baseadas no critério sexual, enfim, na construção de uma pedagogia/escola não-sexista.

Nesse contexto, consideramos importante destacarmos uma diferenciação necessária entre sexo e gênero e, para isso, citamos Faria Júnior (1995), que coloca que, sexo é a condição biológica de ser fêmea ou macho e gênero são os processos sociais, culturais e psicológicos que constroem e/ou reproduzem a feminilidade e a masculinidade.

Nesse sentido, podemos inferir que a 'cultura das relações de gênero dos alunos, durante o recreio escolar' das escolas estudadas, é caracterizada por 'na maior parte do tempo do recreio os meninos e as meninas não brincarem juntos'.

### **Sobre a cultura de exclusão ou inclusão dos alunos deficientes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, durante o recreio escolar**

Em referência à 'a acessibilidade dos alunos deficientes à escola e ao recreio escolar', visualizamos a 'quase total não adaptação arquitetônica das escolas estudadas às necessidades de ir e vir dos alunos deficientes' (treze das quinze escolas estudadas). Esse fato está em consonância com o estudo Ilha *et al.* (2006d). Diante desse cenário, citamos Costa e Zuchetto (1999) que destacam que a não adaptação arquitetônica das escolas impede que muitos alunos com deficiências possam frequentar as escolas, impossibilitando sua inclusão e o direito constitucional de ir e vir. Sobre 'o acolhimento ou não dos alunos deficientes no recreio escolar' notamos que 'aparentemente os alunos deficientes são bem acolhidos pelos seus colegas ditos normais' (quinze das quinze escolas estudadas). Entretanto, podemos verificar que 'quanto à participação dos alunos deficientes nos jogos, brincadeiras e brinquedos, durante o recreio escolar' constatamos a existência de duas situações: 'a maioria participa e a minoria não participa'. No direcionamento do acontecimento da não participação, citamos Silva e Krug (1999) que destacam que o aluno deficiente necessita de atividades físicas tanto quanto o aluno considerado normal.

Aqui queremos chamar à atenção para a nossa dificuldade em avaliar a inclusão ou exclusão dos alunos deficientes no recreio escolar, devido a difícil tarefa de encontrar critérios adequados para realizar este julgamento. Essa nossa afirmativa encontra respaldo em Toločka e De Marco (1998) que já ressaltavam, naquela época, sobre a difícil tarefa de se analisar a inclusão de pessoas deficientes no ensino regular, pois são necessários vários parâmetros para esta avaliação. Convém lembrar que neste estudo, o termo pessoa (aluno) com deficiência foi utilizado para se referir a pessoa que tem "[...] impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade" (BRASIL, 2008, p. 9). Ainda é importante colocar que, de acordo com Sasaki (2005), os movimentos mundiais de pessoas com deficiência, incluindo os do Brasil, debateram o nome pelo qual elas desejavam ser chamadas. Então, mundialmente, esta questão já está fechada; querem ser chamadas de 'pessoas com deficiência'. Esse termo faz parte do texto da Convenção Internacional Para Proteção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Diante desse cenário, podemos inferir que a 'cultura de exclusão ou inclusão dos alunos deficientes, durante o recreio escolar' das escolas estudadas, é caracterizada 'pelo aparente bom acolhimento pelos seus colegas ditos normais' e 'pela participação da maioria destes nos jogos, brincadeiras e brinquedos, durante o recreio escolar'.



## As considerações finais

As informações coletadas e analisadas nos permitem construir uma teorização que, além de explicitar a cultura do recreio escolar de alunos dos AIEF, de escolas da rede de ensino municipal, de uma cidade do interior do Estado do RS (Brasil), vislumbra a necessidade de transformá-la para melhorar a sua qualidade de um espaço de lugar e tempo escolar.

Com o intuito, inicialmente, procuramos ressaltar a cultura existente nas escolas estudadas para os alunos dos AIEF, durante o recreio escolar: 1) sobre 'a cultura da ocupação do espaço físico e dos materiais disponíveis' é caracterizada pela 'concentração em uma quadra esportiva' e pela 'pouca diversidade e quantidade de materiais' disponíveis para o desenvolvimento do mesmo; 2) sobre 'a cultura de jogos, brinquedos e brincadeiras realizados' é caracterizada 'pela realização com maior frequência de dois tipos de jogos, os quais são o futebol e o pegador, possuindo um conjunto limitado em relação à diversidade de jogos, brinquedos e brincadeiras praticadas, mostrando um desaparecimento de certos jogos, brinquedos e brincadeiras da cultura popular'; 3) sobre 'a cultura da agressividade dos alunos' é caracterizada por 'não ocorrer muita agressividade, mas que apareceram algumas formas de pequenas agressões, sendo a ocorrência das agressões físicas (empurrão, taca e chute) em maior quantidade que as agressões verbais (xingamento e intimidação), prevalecendo os alunos mais velhos e do sexo masculino os que possuem mais atitudes agressoras'; 4) sobre 'a cultura das relações de gênero dos alunos, durante o recreio escolar' é caracterizada por 'na maior parte do tempo do recreio os meninos e as meninas não brincarem juntos'; e, 5) sobre 'a cultura de exclusão ou inclusão dos alunos deficientes' é caracterizada 'pelo aparente bom acolhimento pelos seus colegas ditos normais' e 'pela participação da maioria destes nos jogos, brincadeiras e brinquedos, durante o recreio escolar'.

Ao analisarmos esse quadro constatado, podemos inferir que, para muitas escolas, essa cultura tornou-se cômoda e adequada aos interesses do professorado, porque, de certa forma, simplifica um tempo e espaço escolar (recreio), ao ser tratado como um momento de descanso para os professores e um momento livre para os alunos. Essa situação é denunciada por vários estudos sobre o recreio escolar (BERNARDI *et al.*, 2005; CAVICHIOLI *et al.*, 2006a; 2006b; 2006c; ILHA *et al.*, 2006a; 2006b; 2006c; 2006d; IVO *et al.*, 2006). Nesse sentido, citamos Cavichioli *et al.* (2006c, p. 2), que afirmam que “[...] o recreio vem sendo percebido como um momento que não faz parte do processo educativo das crianças e pouco ou quase nada tem sido feito pelos educadores no sentido do aproveitamento deste espaço pedagógico”.

Assim, tendo em vista o que constatamos neste estudo, compreendemos que a realidade do recreio escolar, das escolas estudadas, está permeada pelas características da sociedade em que vivemos atualmente. E, isso é verdadeiro porque, de acordo com Sacristán (1999), as características da sociedade e o modo de produção influenciam o tipo de escola (e o que nela acontece), ou seja, a escola é uma instituição que atende a determinado tipo de sociedade, modelo de vida e hierarquia de valores (inserção nossa).

Também é importante destacar que, considerando o que foi constatado neste estudo, podemos deduzir que a cultura do recreio escolar, no contexto das escolas estudadas, confere-lhe uma condição de um tempo e espaço escolar de pausa do processo ensino-aprendizagem para o descanso dos professores e lazer dos alunos.

De todas as formas, consideramos que a cultura do recreio escolar é um processo construtivo, por meio do qual, os professores mediados pelo contexto, enlaçam e desenvolvem a sua cultura, que, entretanto, não é homogênea, nem isenta de paradoxos, já que apresenta contradições, devido, principalmente, à história de cada escola e seus professores e alunos, os quais são atores desse processo. Assim, também existem escolas, onde professores e alunos se sentem incomodados com essa rotina cultural.

Nesse direcionamento de ideia, para se transformar o quadro cultural do recreio escolar visto nos resultados de nossa pesquisa, é necessário construir uma nova cultura de recreio e diversas propostas podem ser elaboradas, entretanto, todas devem considerar o recreio como um tempo e espaço de aprendizagem. Nesse sentido, Cavichioli *et al.* (2006c) destacam que, os docentes devem realizar ações de mudanças sobre como o recreio escolar acontece, pois esse não pode mais ser um período ocioso, onde os alunos estão utilizando-se de um espaço acabado e inalterável, mas sim, como um período produtivo, rico de estímulos e aprendizagens e para isso é necessário buscar uma identidade para o recreio diferente do atual. Entretanto, para que isso aconteça vários autores (Krug; Duek, 2002; Cavichioli *et al.*, 2006a; Cavichioli *et al.*, 2006b; Cavichioli *et al.*, 2006c; Ilha *et al.*, 2006b; Ilha *et al.*, 2006c; Ilha *et al.*, 2006d; Ivo *et al.*, 2006; Santos *et al.*, 2006; Silva *et al.*, 2006) recomendam a utilização do 'recreio orientado'. Assim, convém ainda destacar que, conforme Ivo *et al.* (2006), o recreio escolar é um espaço pedagógico de suma importância para o desenvolvimento educacional.

Para finalizar, mencionamos Nóvoa (2005), que enuncia que, por mais que as culturas escolares estejam integradas num contexto social e cultural mais amplo, produzem culturas que lhes são próprias e que exprimem os valores e as crenças que os membros da organização partilham através do trabalho realizado pelos sujeitos, pertencentes ao espaço escolar.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. de. A abordagem etnográfica: uma nova perspectiva na avaliação educacional. **Revista Tecnologia Educacional**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 9-12, set./out. 1978.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BERNARDI, A. P. *et al.* O recreio escolar: um estudo descritivo. In: CONGRESSO MERCOSUL DE CULTURA CORPORAL E QUALIDADE DE VIDA, ENCONTRO MERCOSUL DE INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIO, V., V., 2005, Ijuí. **Anais**, Ijuí: UNIJUÍ, 2005. p.s. n.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física – V7**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEE, 2008.
- CAVICHIOLO, L. S. *et al.* A exclusão ou inclusão dos alunos portadores de necessidades educativas especiais no recreio em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: JORNADA NACIONAL DE ATIVIDADES FÍSICAS, ENCONTRO REGIONAL DE FISIOTERAPIA, VI., I., 2006, Cachoeira do Sul. **Anais**, Cachoeira do Sul: ULBRA, 2006a. p. 14.
- CAVICHIOLO, L. S. *et al.* Os jogos, brinquedos e brincadeiras realizadas no recreio em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XX., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006b. p.s.n.
- CAVICHIOLO, L. S. *et al.* Uma análise do espaço físico e do material disponível para o recreio em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, FÓRUM DE COORDENADORES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, III., I., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006c. CD-ROOM.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- COMPASSI, V. M. R.; KREBS, R. J. Brincar no recreio: uma possibilidade de reinventar o brinquedo infantil. In: SEMINÁRIO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA, IV., 2000, Cruz Alta. **Anais**, Cruz Alta: UNICRUZ, 2000. p. 165.

- CUNHA, M. I. Cultura escolar. In: MOROSINI, M.C. (Org.). **Enciclopédia de pedagogia universitária, glossário** - v. 2, Brasília: INEP, 2006.
- DUEK, V. P.; PERES, N. P. Recreio escolar – Resgatando o brincar na escola. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR, IV, 2003, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: MOBREC, 2003. p. 172.
- FARIA JÚNIOR, A. G. de. **A mulher idosa e as atividades físicas sob o enfoque multicultural**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1995.
- FEIL, I. T. S. **A formação docente nas séries iniciais do primeiro grau**: repensando a relação entre a construção do conhecimento por parte do professor e o modo como ensina, 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1995a.
- FEIL, I. T. S. Pesquisa etnográfica: ainda um mito para muitos. In: **Caderno de Pesquisa do Programa de Mestrado em Educação**. Santa Maria: Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria, n. 65, 1995b.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura**. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, M.; COSTA, E. A. P. Dois olhares ao espaço-ação na pré-escola. In: MORAIS, R. (Org.). **Sala de aula: que espaço é esse**. Campinas: Papirus, 1986.
- ILHA, F. R. da S. et al. Um estudo sobre a questão de gênero no recreio em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: JORNADA NACIONAL DE ATIVIDADES FÍSICAS, ENCONTRO REGIONAL DE FISIOTERAPIA, VI., I., 2006, Cachoeira do Sul. **Anais**, Cachoeira do Sul: ULBRA, 2006a. p. 15.
- ILHA, F. R. da S. et al. O recreio na Escola Estadual Coronel Pilar de Santa Maria (RS): um estudo descritivo. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XX., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006b. p.s.n.
- ILHA, F. R. da S. et al. Recreio escolar: a inclusão dos alunos portadores de necessidades especiais. In: ENCONTRO ESTADUAL REPENSANDO A INTELIGÊNCIA, V., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006c. CD-ROOM.
- ILHA, F. R. da S. et al. Recreio escolar em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, FÓRUM DE COORDENADORES DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, III., I., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006d. CD-ROOM.
- IVO, A. A. et al. O recreio na Escola Estadual Celina de Moraes de Santa Maria (RS): um estudo descritivo. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XX., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006. p.s.n.
- JAEGER, A. et al. Agressividade escolar. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n. 18, p. 51-75, 1997.
- KRUG, N. N.; DUEK, V. P. **Programa de recreio orientado na Escola Estadual Coronel Pilar de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria, 2002. Projeto de Extensão.
- KRUG, H. N. et al. A cultura da Educação Física Escolar. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 25, n.1, p. 61-77, jan./jun., 2016a.
- KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- MANDARINO, C. M. **Relações que envolvem poder nas manifestações corporais de dois alunos com deficiência mental matriculados no ensino fundamental**: estudo de caso no recreio escolar, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física - Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999. p. 95-105.
- MOREIRA, D. M.; FARIA, A. M. M. Uma análise do espaço físico para o recreio escolar. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 7., 1999, Florianópolis. **Anais**, Florianópolis: UFSC/UDESC, 1999. p. 205.
- NÓVOA, A. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

- PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- RAMALHO, M. H. S. **O receio pré-escolar e a motricidade infantil na perspectiva de teoria da ecologia do desenvolvimento humano**, 1996. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.
- RANGEL, I. C. A. et al. O ensino reflexivo como perspectiva metodológica. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coords.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 103-121.
- SACRISTÁN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SANTOS, C. C. et al. O recreio na Escola Municipal junto ao CAIC Luizinho de Grandi de Santa Maria (RS): um estudo descritivo. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XX., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006. p.s.n.
- SASSAKI, R. K. Inclusão: o paradigma do século 21. **Inclusão – Revista da Educação Especial**, Brasília, p. 19-23, out. 2005.
- SILVA, J. F. **Um olhar sobre o recreio escolar**, 2001. Monografia (Especialização em Ensino e Pesquisa em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- SILVA, M. S. et al. Um estudo sobre a agressividade dos alunos no recreio em três escolas públicas de Santa Maria (RS). In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XX., 2006, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 2006. p.s.n.
- SILVA, S. M. A. da; KRUG, H. N. Inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na Educação Física Escolar: um estudo de caso. In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA DA UFSM, XIV., 1999, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: UFSM, 1999. p. 1198.
- SIMON, R.; RAMALHO, M. H. da S. Espaço escolar: onde brincam as crianças de Tramandaí? In: ENCONTRO LATINO-AMERICANO PARA ESTUDOS DA CRIANÇA, II., 2002, Florianópolis. **Livro de Resumos**, Florianópolis: UDESC, 2002. p. 205.
- SOUZA JÚNIOR, O. M. **Co-educação, futebol e Educação Física Escolar**, 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, 2003.
- TOLOCKA, R. E.; DE MARCO, A. Inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais na Educação Física Escolar. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA, I., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais**, Foz do Iguaçu, 1998. p. 265-271.
- VIEIRA, M. P. **Brincadeiras no recreio: como era e como é**, 2003. Monografia (Especialização em Ciência do Movimento Humano) – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2003.
- VOLPATO, G.; SHIGUNOV, V. O jogo, a brincadeira e o brinquedo no contexto sócio-cultural criciumense. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 7, 1999, Florianópolis. **Anais**, Florianópolis: UFSC/UDESC, 1999. p. 428.
- WITTROCK, L. **La investigación de la enseñanza**. Buenos Aires: Paidós, 1989.

Recebido em: 28.05.2018

Aprovado em: 05.06.2019